



*Acaso30 é uma instalação interativa em lembrança aos mortos na chacina da baixada fluminense, no bairro de queimados entre uma noite de quinta-feira e uma madrugada de sexta, em março 2005 onde 30 pessoas foram eliminadas. A instalação é montada em um espaço semi-aberto, como se fosse uma praça, onde possa haver bastante circulação, mas com luz reduzida. No centro do espaço um grande e pesado tapete azul. As séries de imagens assim como os locais da projeção são feitos de forma aleatória. Uma vez que uma pessoa suba no tapete dois eventos ocorrem: uma imagem de um corpo nu em agonia é projetada no chão e um vento forte e cortante é acionado por um ventilador desde uma parede frontal ao interator. O único ruído é o do vento direto sobre o espectador causando tensão e instabilidade. Quanto às imagens, à partir do momento que elas são projetadas em um local são geradas zonas de tensão que fazem com que as ações dos corpos reajam diretamente à aproximação e afastamento dos espectadores. Quando eles chegam junto aos corpos a situação se torna irreversível com a morte dos personagens e o esvanecimento das imagens. Tem-se um intervalo sem projeções e ações.*

*J. Monachesi - É interessante a maneira como você pensa, neste trabalho, a interação; não se trata de um sistema de input/output simplesmente, em que o público aperta um botão e vê o resultado, mas antes de uma participação que tem implicações determinantes na obra; você poderia falar um pouco do sentido da interatividade em Acaso30?*

*G. Prado - O importante é que o público perceba que é a presença dele(s) que gera os eventos. Sem a presença do público no espaço, a instalação não acontece. Não é determinante que eles entendam o sistema e o dispositivo, pois estes nem estão aparentes, mas sim que eles percebam que direta ou indiretamente eles também estão implicados nos acontecimentos. É o andar sobre o tapete que gera a interação com o corpo em movimento, é como se o corpo exposto estivesse sendo diretamente pisado. É esta a relação de interação, a cada passo, em direção ao corpo, um espasmo e uma contração até chegar ao limiar, na borda, com o desvanecimento do personagem, desaparecimento da imagem. O único ruído que fica é o do ventilador que corta o ar frontalmente ao espectador. Em seguida, a suspensão dos eventos.*

*Ao decidir trabalhar com atores para produzir as imagens, você descola o sentido da obra da relação que as pessoas têm com as imagens jornalísticas, desta mediação mais cotidiana com as tragédias urbanas; deste modo, o vínculo com a chacina da baixada fluminense torna-se bastante sutil, ou não? Você poderia explicar esta opção?*

*Eu não quis trabalhar diretamente com as imagens jornalísticas, mas a partir das idéias que elas evocam. Os corpos nus são nossa aparição primeira no nascimento e, mesmo mortos, somos despidos (em sala reservada), banhados e trocados. Ao mesmo tempo em que é primeira e última, a nudez é íntima e provocadora. No trabalho a agonia é superexposta na contração dos músculos, nos movimentos e nas expressões, com os quais vamos interagindo e*

intensificando no nosso caminhar, até a desapareção do personagem.

O que este trabalho tenta trazer é uma lembrança, apontar este fato, igual a tantos outros pelos quais somos bombardeados cotidianamente e que rapidamente caem no esquecimento ou passam por um processo de banalização e apagamento por sobreposição, como se não nos dissessem respeito e fossem, de alguma forma, inevitáveis.

*Mas por que, entre tantos fatos da mesma gravidade, você escolheu este, esta chacina em um bairro da Baixada Fluminense, em março de 2005, que resultou na morte de 30 pessoas? Foi uma espécie de acaso?*

Fiquei chocado por algumas das imagens desta chacina que foram divulgadas nos jornais, por duas em particular; uma era a de alguns corpos mortos em um sofá velho e florido de um lava-rápido sem movimento. Parecia que estavam dormindo e o tempo passando e o sol cozinhando os miolos à espera de acontecimentos... Outra foi a imagem de um homem passando de bicicleta e olhando de soslaio, entre a curiosidade e um patético (ou sábio?) desleixo, para um corpo de mulher, morto, vestido, estirado no chão. Lembrou-me o olhar de cachorros vira-lata, que andam em passo rápido e miúdo, sol na moleira e cabisbaixos, olham mas não param pois nunca têm parada e sempre estão correndo das pedradas... A violência está de tal forma presente nas imagens/imaginário das pessoas que nem se pára mais para ver, é como um filme - já não temos mais como intervir -, assistimos a cenas congeladas e quem se movimenta somos nós...

Não urinaram nos postes, saíram marcando território e pessoas, atirando a esmo... Quando vi a lista dos 30 mortos e suas idades, quis de alguma forma inscrever de novo estes nomes, em outro evento, desta vez efêmero, num chão azul, com vento forte soprando, levando aquele calor abafado que sobe do chão quente e tórrido. Amanhã haverá outros 30.

*Além de sua atuação como artista, você é professor e pesquisador (além de curador); como você vê essa hibridação de papéis sociais que se dá com especial frequência no campo da "arte tecnológica"?*

Muitos dos artistas que trabalham neste campo são vinculados a universidades, e/ou desenvolvem seus projetos artísticos com apoio de institutos e centros de pesquisa, partilhando desta forma atividades de produção e reflexão. Para a realização destes trabalhos são várias as necessidades e competências requisitadas, normalmente é um trabalho de equipe multidisciplinar e hibridizado desde sua origem.

*Você participou da Bienal de 1981 com obras de arte postal; o trabalho Desertesejo, premiado no programa Rumos Itaú Cultural Mídias Interativas, é um ambiente imersivo multiusuário; na instalação Acaso30, você trabalha com*

*um software específico. Rede postal, internet, imersão, programação, interatividade. Você poderia dizer como realiza as escolhas pela tecnologia a ser empregada em cada trabalho?*

A tecnologia não é neutra, nem sua presença nem o uso que dela fazemos. Mas também não podemos nos esquecer de que vivemos num mundo cercado de aparatos e interfaces tecnológicas. Por que não trabalhar com elas? Vejo isto como uma opção, escolha de artista. A tecnologia faz parte do meu universo de referências e de vivências. E claro que pode ser usada também para que reflitamos sobre o seu próprio uso, assim como para resgatar nossa consciência crítica. Para mim ela tem um papel fundamental. Mas não é ela que determina o trabalho. A relação é outra, é de parceria. É o trabalho que aponta o que eu preciso e quero fazer, aí vou atrás. Cada trabalho é um processo.

*Nas pesquisas plásticas que você desenvolve é possível ver uma filiação à “Estética da Comunicação”. Entretanto, em Acaso30, ainda que o trabalho recicle e ressignifique mensagens dos meios de comunicação, não ocorre o uso de tecnologia de telecomunicação; seria esta uma obra que dialoga mais com a tradição da arte e menos com a das mídias? Esta dicotomia é algo que lhe interessa problematizar?*

Eu trabalho basicamente em dois campos: em instalações interativas e em arte em rede. É nas fronteiras que me situo, gosto dos ruídos das linguagens que se entremeiam.

De toda maneira, seja nas instalações interativas, seja nas de arte em rede, algumas questões me interessam particularmente, como a experimentação e a utilização dos dispositivos que permeiam nosso cotidiano e o uso desviante destas mídias e/ou tecnologias que nos “interfaceiam” e nos potencializam de forma diferente no mundo. Existem também as questões da presença, do presente e da partilha, de percebermos o outro e das nossas interações e transformações. Estas redes e contatos efêmeros e pontuais podem ser fisicamente vivenciados nas instalações ou podem ser de natureza telemática, como os experienciados nos ambientes virtuais multiusuário.

Tentar explorar estas possibilidades é de alguma forma criar zonas de suspensão, abrir hiatos e sonhar o mundo em que vivemos.

*Juliana Monachesi é jornalista especializada em artes visuais e aluna da Pós-Graduação em “Comunicação e Semiótica” na PUC-SP. É colaboradora do jornal Folha de S.Paulo e de diversas revistas culturais, como Bravo!, Bien'art e Trópico. Como crítica de arte, atua desde 2002 na “Temporada de Projetos” do Paço das Artes.*

*Gilberto Prado é artista multimídia, doutor em artes pela Universidade de Paris I e docente do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.*